

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

GIOVANA FURONI

PROCEDIMENTOS EM TERAPIA OCUPACIONAL: revisão das produções em
Terapia Ocupacional de 2010 a 2019

SÃO CARLOS -SP
2022

GIOVANA FURONI

PROCEDIMENTOS EM TERAPIA OCUPACIONAL: revisão das produções em
Terapia Ocupacional de 2010 a 2019

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Terapia Ocupacional da
Universidade Federal de São Carlos,
para obtenção do título de bacharel
em Terapia Ocupacional.

Orientador: Taís Quevedo Marcolino

São Carlos-SP
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Terapia Ocupacional

Folha de aprovação.

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Giovana Furoni, realizada em 29/01/2021, no XXVII Congresso de Iniciação Científica e XII Congresso de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação/ CoPICT:

Profa. Dra. Lisabelle Manente Mazaro - parecerista
Universidade Federal de São Carlos

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à minha mãe que sempre se fez presente em minha vida e é meu pilar de sustentação. Agradeço a ela pela liberdade dada, que me proporcionou descobrir tantos gostos e sabores do mundo, e que me fez conhecer e amar a Terapia Ocupacional. Dedico também a todos os docentes que já passaram pelo meu caminho, em especial a Prof^a Dr^a Taís Quevedo Marcolino e a Prof^a Dr^a Giovana Garcia Morato por terem me apresentado o campo da saúde mental e me maravilhado com seus trabalhos. Agradeço à toda minha família que sempre me ajudou tanto, mesmo de longe, e um agradecimento especial à República VDN que foi e é a minha família de São Carlos, a república me proporcionou todo amor, carinho e aprendizado que eu precisei nos momentos em que me encontrei longe da minha família amada. E também agradeço ao CNPq pela confiança em financiar o presente trabalho, durante o período que eu o desenvolvi como Iniciação Científica, contribuindo para meu crescimento acadêmico.

“Apreciar e compreender a vida em cada instante é uma arte a ser praticada.”

-Monja Coen

RESUMO

INTRODUÇÃO: O campo da saúde mental possui caráter fortemente interdisciplinar. A prática em terapia ocupacional demanda maior clareza dos procedimentos que lhe são específicos. As intervenções não ocorrem em um processo linear com etapas preestabelecidas, pois a prática profissional possui uma complexidade que ultrapassa o uso da racionalidade técnica (baseada exclusivamente na aplicação de teorias e técnicas). Os procedimentos da prática profissional no campo da saúde mental são poucos explicitados e relatados nos trabalhos acadêmicos da área, em parte, pela dificuldade de descrever os saberes tácitos de uma prática narrativa, criativa e centrada na singularidade dos casos. Realizou-se uma revisão de escopo buscando identificar publicações no campo da terapia ocupacional em saúde mental, com discussão de experiências práticas, para elucidar os procedimentos utilizados nas intervenções. **OBJETIVO:** Identificar os procedimentos de terapeutas ocupacionais presentes nas publicações nacionais entre 2010 e 2019 na terapia ocupacional no campo da saúde mental com a população adulta. **METODOLOGIA:** Esta revisão realizou a coleta de dados em duas etapas. Na primeira, utilizou-se os dados do estudo bibliométrico realizado por Mazaro et al. (2021), que buscou descrever o panorama do conhecimento científico sobre terapia ocupacional e saúde mental. Para complementar esta revisão, foi realizada uma segunda etapa com coleta de dados nas duas bibliotecas virtuais brasileiras, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Portal de Periódico da CAPES, com os descritores “terapia ocupacional” e “saúde mental”, especificando Brasil, como país/região, incluindo o ano de 2019. Foram incluídos artigos: 1) sobre a realidade brasileira, 2) que abordassem ações práticas de terapeutas ocupacionais na saúde mental do adulto, 3) no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2019. Os dados numéricos foram analisados com estatística descritiva simples. Para a análise qualitativa, utilizou-se a identificação de verbos de ação presentes nos relatos de experiência, no contexto da ação; identificação da intenção da ação; agrupamento dos verbos com intenções de ação semelhantes; análise temática para a compreensão do foco dos procedimentos. **RESULTADOS:** Na primeira etapa de busca foram localizados 249 artigos, e selecionados 31. Na segunda etapa, foram localizados 991 artigos, e

selecionados 133. Ao aplicar os critérios, foram selecionados 164 artigos, sendo 14 duplicados e 120 excluídos após leitura de título e resumo, resultando em 16 artigos incluídos. Após leitura completa, 2 artigos foram excluídos, totalizando 14 artigos incluídos nesta revisão. Foram identificadas três grandes categorias de verbos ligados aos procedimentos de terapeutas ocupacionais: 1) Planejar a intervenção; 2) Realizar a intervenção; 3) Observar (conhecer, compreender, analisar).
CONCLUSÃO: A partir da análise das ações, explicitadas nos verbos, conseguimos reunir alguns procedimentos das práticas de terapeutas ocupacionais imersos no campo da saúde mental do adulto. Não se pretende afirmar que os procedimentos identificados respondem à questão de como os terapeutas atuam no campo da saúde mental, mas sim, que eles estimulem o debate no campo de modo a produzir avanços sobre as ações específicas de terapia ocupacional. Esperamos que o mapeamento identificado possa instigar outras investigações no tema.

Palavras-chave: Saúde Mental. Terapia Ocupacional. Prática Profissional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção	15
Figura 2 - Descrição dos Artigos	18

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	14
2.1 IDENTIFICANDO A QUESTÃO DE PESQUISA	14
2.2 IDENTIFICANDO OS ESTUDOS RELEVANTES	14
2.3 SELEÇÃO DOS ESTUDOS	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
3.1 RESULTADOS DESCRITIVOS	18
3.2 RESULTADOS QUALITATIVOS	20
3.2.1 Planejar a intervenção	20
3.2.2 Realizar a intervenção	22
3.2.2.1 O convite para a terapia ocupacional	22
3.2.2.2 O proceder da(o) terapeuta ocupacional	23
3.2.2.3 A realização conjunta de atividades	26
3.2.2.4 A conversa: para compreender a perspectiva da pessoa em acompanhamento, para avaliar o processo e para pensar projetos futuros	28
3.2.3 Observar: Conhecer, compreender e analisar	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi uma construção feita durante o meu percurso da graduação, começando como um projeto de Iniciação Científica, revisitado para ser transformado em Trabalho de Conclusão de Curso. Durante os anos em que eu o fui construindo, demais atividades se fizeram presente na minha vida, e todas elas acabavam conversando. Procurei, durante toda minha graduação, me aproximar do campo da Saúde Mental, sendo o presente trabalho minha porta de entrada, quando, no segundo ano da graduação, comecei a construí-lo. Desde então me aproximei do campo de maneira mais ativa participando de um projeto de extensão com um grupo no CAPS II da cidade, onde estou há um pouco mais de dois anos. A partir desse atual projeto de extensão se iniciou a construção de uma nova Iniciação Científica. Esse novo projeto visa descrever e analisar criticamente as práticas e atividades desenvolvidas nesse grupo do CAPS II, que tem por objetivo a criação de projetos de vida com os seus participantes, visando o exercício da cidadania e a inclusão social ativa.

Ainda, o presente trabalho me abriu portas para entender o mundo acadêmico e um pouco de sua dinâmica. Quando o concluí ainda como Iniciação Científica tive o grande prazer da oportunidade de apresentá-lo no XXVII Congresso de Iniciação Científica 2020/2021.

1 INTRODUÇÃO

O atual modelo para o cuidado em saúde mental no Brasil é a Atenção Psicossocial, principalmente sob o referencial teórico da Reabilitação Psicossocial (RP). Terapeutas ocupacionais também atua, fortemente sob os pressupostos da Reabilitação Psicossocial (Almeida; Trevisan, 2011; MORATO; LUSSI, 2018). Ricci, Marques e Marcolino (2018), ao analisarem trabalhos apresentados em congressos brasileiros de terapia ocupacional, identificaram que a reabilitação psicossocial mostrou-se presente em práticas diversas voltadas para empreendimentos de geração de renda; trabalho junto a familiares para compreensão do diagnóstico, tratamento e convivência com o sujeito em sofrimento psíquico; nos centros de convivência e nos serviços residenciais terapêuticos.

O campo da saúde mental é fortemente interdisciplinar de modo a buscar maior permeabilidade entre as fronteiras profissionais. A terapia ocupacional, com seus núcleos de saberes, pode "contribuir com ações interdisciplinares efetivadas no campo, bem como desenvolver um trabalho em equipe e no contexto de uma rede de atendimento" (MALFITANO, 2005, p.4). Entretanto, dado o caráter fortemente interdisciplinar do campo, há ainda a necessidade de identificar com mais clareza os procedimentos que são específicos de terapeutas ocupacionais neste campo.

Para Juns e Lancman (2011), as/os terapeutas ocupacionais de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) ainda possuem dificuldades para delimitar suas ações específicas, por, muitas vezes, realizarem práticas comuns a outros profissionais. O "olhar do/a terapeuta ocupacional" foi um achado da pesquisa, explicitando certa especificidade profissional que incorpora a importância da observação voltada para a potencialidade dos sujeitos e de seu contexto. Entretanto, as autoras indicam fragilidade das/os terapeutas ocupacionais em falar sobre sua prática e caracterizá-la de modo a explicitar suas especificidades, o que abre espaço para questionarmos: quais ações são desenvolvidas a partir desse olhar?

Nomear ações profissionais específicas vem sendo compreendido como um desafio da profissão, principalmente pela força do trabalho narrativo, que se sustenta nas singularidades dos sujeitos, e que acaba produzindo tensionamentos com a prática biomédica, centrada na lógica causa-efeito, doença-tratamento (MARCOLINO, 2017). Além disso, tal dificuldade pode ser entendida também pela

característica própria dessa prática, de ocorrer em situações diversas e complexas, sendo difícil de expressá-la em palavras (MARCOLINO et al., 2019).

Podemos compreender que o cuidado em terapia ocupacional efetiva-se por meio de procedimentos, que são ações intencionais do/a terapeuta ocupacional, guiadas pelas necessidades do sujeito (MARCOLINO, 2009). Schell e Schell (2008) nomeiam de procedimental, o raciocínio voltado para se pensar nos procedimentos, definindo-o dentro do escopo do diagnóstico e da impessoalidade. Segundo esses autores, no raciocínio procedimental o/a terapeuta ocupacional utiliza de rotinas terapêuticas como forma de avaliação, sejam protocolos de avaliação, entrevistas ou avaliações menos formais como a observação, para identificar os melhores procedimentos para aprimorar o desempenho ocupacional da pessoa. Entretanto, Marcolino (2009) discute que as ações intencionais em terapia ocupacional não se voltam somente para os déficits ou sintomas, mas para fazer com que o sujeito alvo das intervenções possa vivenciar experiências significativas que o coloque de um modo mais ativo em sua vida, com característica fortemente relacional (MARCOLINO, 2009).

Soderback (2009) ao realizar revisão de práticas em terapia ocupacional para a construção de uma taxionomia, identificou que terapeutas ocupacionais atuam no *manejo de adaptações*, internas, temporais, ocupacionais e do meio ambiente, que afetem o comportamento e o desempenho do paciente em suas ocupações diárias; no *ensino de atividades do dia a dia* para que os clientes aprendam ou re-aprendam e possam realizar o que desejam ou o que é esperado em sua casa, no trabalho, na escola, em seu lazer e na comunidade. Com esse trabalho, buscam *favorecer a realização das ocupações significativas* por seus clientes, onde a atividade se faz com um propósito e que esta possa auxiliar em seu processo de recuperação; e agem de modo a promover uma *melhora no estado geral de saúde do cliente*, realizando intervenções que busquem uma melhora no bem-estar e na qualidade de vida, por meio da realização de intervenções preventivas (SODERBACK, 2009).

A taxionomia de Soderback (2009) oferece um amplo espectro no qual as ações e procedimentos de terapia ocupacional ocorrem e foi construída com estudos internacionais provenientes de vários países e em vários campos de atuação profissional. Dada a fragilidade na identificação das especificidades das ações profissionais no campo da saúde mental, no Brasil, esta pesquisa buscou ampliar a compreensão sobre esse fenômeno. Para isso, realizou-se uma revisão

na literatura brasileira de artigos com relatos ou fragmentos de práticas de terapia ocupacional no campo da saúde mental com a população adulta. Para acessar um panorama contemporâneo das práticas, utilizou-se o período de 2010 a 2019.

2 METODOLOGIA

Utilizamos a revisão de escopo que se caracteriza como uma metodologia de revisão que busca compreender como determinado campo vem se constituindo e quais lacunas apresentam-se que demandam futuras pesquisas (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). A revisão de escopo é realizada por meio de cinco etapas, que serão descritas adiante.

2.1 IDENTIFICANDO A QUESTÃO DE PESQUISA

A questão norteadora deste estudo caracteriza-se por: "quais são as ações práticas de terapeutas ocupacionais no campo da saúde mental do adulto?"

2.2 IDENTIFICANDO OS ESTUDOS RELEVANTES

Para a identificação dos estudos relevantes esta revisão realizou a coleta de dados em duas etapas. Na primeira etapa, utilizou-se os dados do estudo bibliométrico realizado por Mazaro et. al (2021), que buscou descrever o panorama do conhecimento científico sobre terapia ocupacional e saúde mental. Mazaro et al. (2021) utilizaram a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e as bases de dados *Scopus* e *Scielo*, incluindo artigos em inglês, espanhol e português, no período de 1990 a 2018, utilizando os descritores "occupational therapy" e "mental health", "seus plurais, sinônimos, derivações, e os operadores booleanos responsáveis por informar ao sistema de busca os termos combinados entre si". E também foi realizada uma busca diretamente no site de alguns periódicos, que são: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional da USP, Revista Baiana de Terapia Ocupacional e Revisbrato (Mazaro et al., 2021, p.4).

Para complementar esta revisão, foi realizada uma segunda etapa com nova coleta de dados nas duas bibliotecas virtuais brasileiras, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Portal de Periódico da CAPES, com os descritores "terapia ocupacional" e "saúde mental", especificando Brasil, como país/região, incluindo o ano de 2019. Na BVS foi possível aplicar o intervalo de tempo entre 2010 e 2019 para a busca.

2.3 SELEÇÃO DOS ESTUDOS

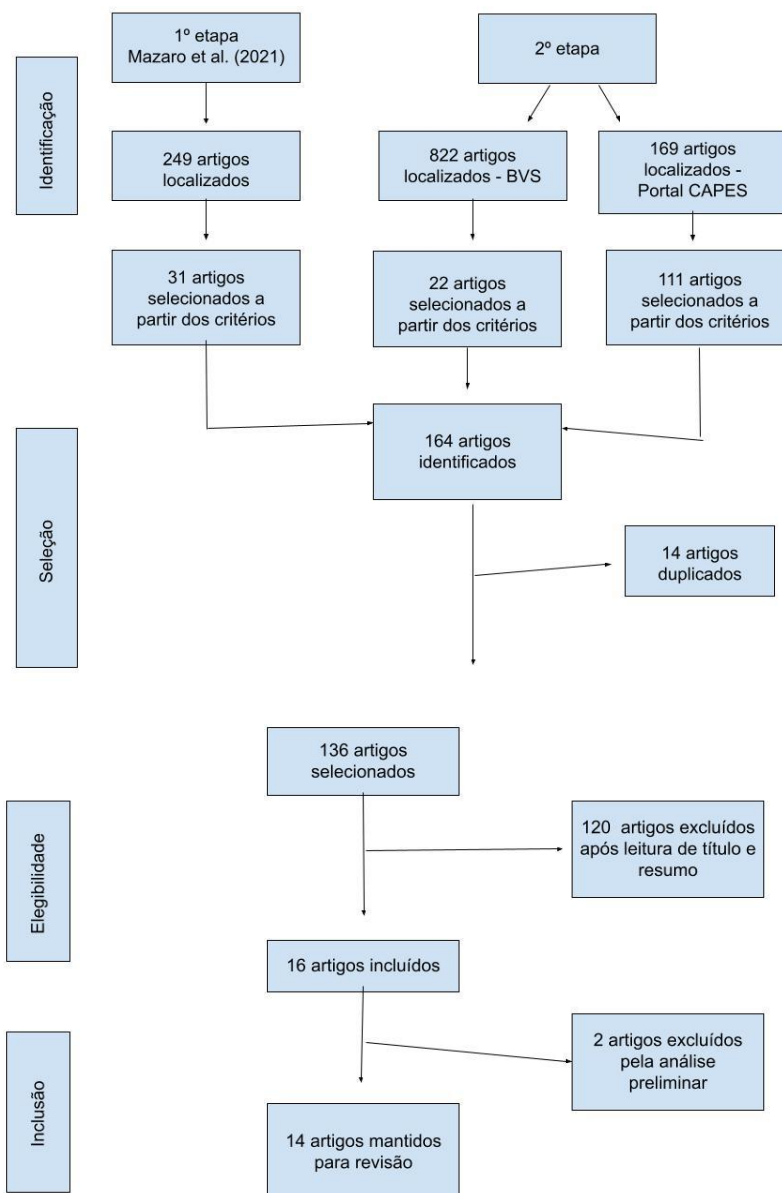
Os critérios de inclusão adotados foram: 1) artigos produzidos no Brasil, 2) que abordassem ações práticas de terapeutas ocupacionais na saúde mental do

adulto, 3) publicações realizadas no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2019. Os critérios de exclusão foram: 1) estudos produzidos fora do Brasil; 2) estudos de revisões e editoriais; 3) estudos teóricos; 4) estudos realizados com crianças e idosos; 5) estudos fora do contexto da terapia ocupacional e saúde mental e 6) estudos que não estavam dentro do período de tempo previamente determinado.

A seleção dos estudos foi realizada em duas etapas. A primeira etapa abarcou a seleção nos artigos do estudo bibliométrico de Mazaro et al. (2021). No conjunto de 249 artigos dessa revisão, foram aplicados os critérios de inclusão, resultado em 31 artigos.

Na segunda etapa, operou-se uma revisão complementar, 21 artigos foram selecionados, sendo 9 deles repetidos. Começamos a revisão com 16 artigos, mas após a leitura completa de todos os artigos outros dois foram descartados por não atenderem aos critérios previamente estabelecidos. Assim, esta revisão selecionou 14 artigos, como ilustrado na figura 1, a seguir.

Figura 1 Fluxograma do processo de seleção usando o modelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) extension for scoping reviews (PRISMA-ScR)* (Moher et al., 2009; Tricco et al., 2018).



2.4 MAPEAMENTO DOS DADOS

Após selecionar os artigos, eles foram organizados em uma planilha para identificar: 1) o referencial teórico-metodológico; 2) o contexto da prática; 3) a população alvo; 4) o diagnóstico médico/clínico e 5) os resultados da prática descrita.

Para o mapeamento dos procedimentos, foram utilizados procedimentos metodológicos propostos por Marcolino (2008; 2009), que permitem identificar diferentes tipos de relatos reflexivos em materiais narrativos sobre a prática.. Há

relatos que se caracterizam por situar a ação narrativamente, nomeados de *narração descritiva*. Há relatos de prática com justificativas para suas ações, evidenciando elementos do raciocínio procedimental, pois desvelam intenções para as ações realizadas, chamados de *descrição reflexiva*. Há ainda relatos tipo *reflexão dialógica*, como uma reflexão autônoma de exploração da experiência, com compreensões a partir das situações ocorridas; e relatos de tipo *reflexão crítica* sustentados por contextos histórico-sociais-políticos.

Os relatos que descrevem as ações e que as justificam são potencialmente importantes para compreendermos os procedimentos que os/as terapeutas ocupacionais realizam em sua prática, e caracterizam-se por apresentar um verbo de ação, seguidos de conjunções ou locuções adverbiais que indicam conclusão e finalidade. Assim, uma nova planilha foi utilizada para uma análise mais minuciosa de cada artigo buscando mapear cada trecho dos artigos que descreviam intervenções em terapia ocupacional, identificando: 1) evento (ou ação); 2) termo da ação (sujeito da ação); 3) justificativa para aquela ação; e 4) raciocínio do/a terapeuta ocupacional.

Como o foco do projeto foi identificar os procedimentos dos/as terapeutas ocupacionais, optou-se por trabalhar somente com os verbos que apresentam ação direta das profissionais e/ou estagiários. Entretanto, os verbos não foram trabalhados isoladamente, mas dentro do evento (situação) no qual estavam inseridos, compreendendo-se que a prática ocorre em um todo situado e as ações fazem sentido ao estarem imersas nesse todo. Assim, é possível que o mesmo verbo esteja presente em categorias diferentes, pois seu sentido foi compreendido no todo da situação que estava sendo descrita.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 RESULTADOS DESCRITIVOS

Os dados referentes ao referencial teórico-metodológico; ao contexto da prática; à população-alvo atendida; ao diagnóstico médico/clínico e aos resultados das intervenções podem ser vistos na figura 2, a seguir:

Figura 2 Descrição dos Artigos

ARTIGO	POPULAÇÃO-ALVO	INTERVENÇÃO
FERIGATO; SILVA, 2016	Um adulto do sexo masculino, de 51 anos	Atendimento grupal, atendimentos individuais, grupos de família.
FERRO et al., 2014	Dois adultos, do sexo masculino	Atendimento grupal, atendimentos individuais tendo como foco a intervenção no acompanhamento do usuário em seu cotidiano.
LORENZON; MARQUETTI, 2016	15 usuários do NAPS-IV de Santos	Oficinas de sensibilidades corporais: tato, olfato, audição, visão e paladar.
KEBBE et al., 2010	Grupo composto por pessoas adultas com transtornos mentais, em regime de semi-internação	Atendimentos grupais e individuais desenvolvidos pela psicologia, psiquiatria, enfermagem e terapia ocupacional, também as reuniões com os familiares de usuários e os grupos comunitários. A intervenção de terapia ocupacional descrita focalizou a confecção de um mural.
REIS et al, 2017	Mulher adulta	Atendimento em terapia ocupacional (individual e grupal) a uma mulher adulta em crise psicótica.
SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017	Mulher de 18 anos	Atendimento individual em terapia ocupacional realizada por estagiário, supervisionado no Método Terapia Ocupacional Dinâmica.
CASTRO; MAXTA, 2009	Comunidade do território onde está localizado o CAPS II	Atendimento no CAPS através de oficinas e grupos (Oficina da Praça, Oficina de Jogos Teatrais e Grupo e Feira de Vendas)
MARQUETTI et al, 2012	Usuários de saúde mental do NAPS IV do município de Santos	Aplicação do Inventário de Potência, e grupo para trabalhar sensibilidades corpóreas: tato, olfato, paladar, audição e gustação.

COSTA et al, 2017	Pacientes com longo período de internação nas enfermarias (1-11 anos de internação)	Oficina de culinária
MONTREZOR, 2013	Pacientes de uma unidade de internação intensiva	Grupo de reflexão, Grupo operativo, Oficina de desenho e Oficina de artes
CASTRO et al, 2017	11 usuários de CAPS inseridos em alguma atividade grupal	Entrevistas com perguntas norteadoras sobre as atividades em grupo realizadas no CAPS
OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017	14 participantes do grupo de trabalho corporal	Rodas de conversa e discussões (através da arte como leitura de poemas, realização de mapas corporais).
ASSAD; PEDRÃO, 2013	5 usuários de CAPS	Grupo de Teatro Espontâneo do Cotidiano (proporcionando o desenvolvimento de habilidades, resolução de conflitos e participação social) e feitas entrevistas com os participantes.
SILVA; RACCIONI, 2015	12 moradores do Serviço Residencial Terapêutico participaram	Oficinas teatrais semanais (com duração de 1hr) oficinas baseadas na técnica do Teatro do Oprimido e nos jogos teatrais de Viola Spolin.

Em termos numéricos, o mapeamento dos artigos indicou que as intervenções foram majoritariamente realizadas em serviços comunitários de saúde mental, sendo 7 estudos em CAPS (CASTRO et al, 2017; ASSAD; PEDRÃO, 2013; FERIGATO; SILVA, 2016; CASTRO; MAXTA, 2009; OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017) e NAPS (MARQUETTI et al, 2012; LORENZON; MARQUETTI, 2016). As intervenções realizadas em serviços de internação, também foram realizadas em hospitais gerais (MONTREZOR, 2013 e REIS et al, 2017, sendo esse último uma enfermaria) ou hospital-dia (KEBBE et al., 2010). A maioria dos estudos (9) foi realizada por meio de intervenções grupais (LORENZON; MARQUETTI, 2016; MARQUETTI et al, 2012; CASTRO e; MAXTA (, 2009) COSTA et al. (, 2017) MONTREZOR, 2013 (CASTRO et al, 2017; SILVA; RACCIONI, 2015), ASSAD; PEDRÃO, 2013 OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017), seguido de 4 intervenções que compuseram grupos e atendimentos individuais (FERIGATO; SILVA, 2016; FERRO et al., 2014; KEBBE et al., 2010; REIS et al, 2017; SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017).

Ricci, Marques e Marcolino (2018), concluíram em seu trabalho que a prática da terapia ocupacional na saúde mental é predominantemente realizada em grupos terapêuticos, seguidos dos atendimentos individuais e depois das oficinas. Ainda, Benevides et al. (2010, p.128) discutem que os grupos terapêuticos potencializam “trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo”.

Ricci, Marques e Marcolino (2018) também discorrem sobre a importância dos atendimentos individuais na saúde mental de modo que tais atendimentos propulsionam a promoção de processos de vida do sujeito a favor de desvincular o foco da remissão de sintomas e doenças, reconhecendo e entendendo o sujeito a partir de suas singularidades, identidade, autonomia e pertencimento social.

Lussi et al. (2019, p.2) apresenta, em seu trabalho, a eficácia de tratamentos comunitários no cuidado em saúde mental “nos quais a rede de saúde mental substitutiva está consolidada e para a importância do caráter interdisciplinar e intersetorial das intervenções e da constituição das equipes profissionais”.

3.2 RESULTADOS QUALITATIVOS

Foram identificadas três grandes categorias de verbos ligados aos procedimentos dos/as terapeutas ocupacionais, que denotam (1) planejar (a intervenção), (2) realizar (a intervenção), (3) observar (o que se apresenta/ se desenrola).

3.2.1 Planejar a intervenção

Nesta categoria foram encontradas 23 sentenças com verbos que explicitam ações de planejamento, explicitando tanto o que se deseja incluir na intervenção, como o que se pretende que não seja incluído ou considerado. Os verbos encontrados serão apresentados, seguidos do número de vezes que foram utilizados entre parênteses. Assim, tem-se: elaborar (4), eleger (2), construir (2), estabelecer (2), buscar (2), escolher (1), objetivar (1), planejar (1), projetar (1), optar (1), desenvolver (1), conversar (1), organizar (1), estruturar (1), tomar conhecimento (1) e retirar (1).

Dois artigos explicitaram que sinais, sintomas e patologia/classificações diagnósticas não seriam considerados relevantes para se pensar na intervenção (MARQUETTI et al, 2012; OLIVEIRA; SANT’ANNA, 2017). Isso está de acordo com

as propostas da reabilitação psicossocial, pois o foco está na pessoa-sofrimento e não na doença. Rotelli (1990) discute que devemos aceitar os múltiplos planos de existência (social, econômico, político etc) e não reduzir nosso sujeito/cliente/paciente a uma doença ou um diagnóstico, assim devemos inscrevê-lo no corpo social.

[...] retiramos o foco do processo de avaliação e terapêutico dos sinais e sintomas da patologia do sujeito (MARQUETTI et al, 2012 p. 17).

[...] se buscou concentrar atenção e investimento [...] na relação, que na ideia de cuidado aqui apresentada, está acima de qualquer fixação diagnóstica ou rotulagem (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017 p. 137).

Em Marquetti et al (2012), houve a proposta de explorar as cadeias operatórias como referencial teórico-metodológico, com o planejamento de intervir sob via de sensibilidades corpóreas em grupo, projetando momentos intercalados às oficinas tátil, visual, de audição, de gustação e de olfato, assim como ir a espaços significativos, a partir do conhecimento dos sujeitos por meio da avaliação específica (MARQUETTI et al, 2012), organizar os materiais das atividades e acompanhar a execução (LORENZON; MARQUETTI, 2016), elaborar diferentes ações e novas estratégias criativas às necessidades dos usuários (FERRO et al., 2014).

Elaboramos recursos terapêuticos baseados na recuperação da potência, na coordenação de ação e emoção do sujeito com seu grupo social, na reconstrução ou adaptação de suas cadeias operatórias do cotidiano, na incorporação de ações/gestos/corpo que foram exteriorizados, nos fundamentos básicos do corpo e suas formas de sensibilidade como instrumentos nos processos terapêuticos (MARQUETTI et al, 2012, p. 17).

Também foram identificados verbos que demonstraram demandas explícitas ou demandas percebidas na relação (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017). Assim como, trabalhar a partir de novas estratégias criativas que se adequassem às necessidades dos usuários, trabalhando no aqui e agora (FERRO et al, 2014), e resgatar potencialidades perdidas, reestruturação ou adaptação de cadeias operatórias no cotidiano (MARQUETTI et al, 2012).

[...] se buscou concentrar atenção e investimento nas necessidades que se apresentavam, nas demandas manifestas explicitamente ou não, e na relação [...] (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017, p. 137).

O desfecho que tivemos [...] nos propiciou elaborar novas estratégias [...] para se adequar criativamente às necessidades do usuário (FERRO et al., 2014, p. 613).

Para Mattingly (2007) toda ação causa uma consequência, portanto as ações podem ser descritas como “começos”, pois não é possível vislumbrar suas consequências quando estamos no meio da experiência. Sendo assim, o inesperado acontece e não pode ser evitado pois as coisas mudam e podem tomar rumos diversos que não foram esperados pelo/a terapeuta ou sujeito/paciente/cliente, por isso, uma das habilidades mais valorizadas na profissão é a de agir de modo improvisado em resposta ao que acontece.

3.2.2 Realizar a intervenção

3.2.2.1 O convite para a terapia ocupacional

Nesta categoria foram encontradas 23 sentenças com os verbos que explicitam o oferecimento de propostas. Dentre esses verbos, encontram-se: propor (10), convidar (4), oferecer (3), sugerir (4), buscar oferecer (1) e verbalizar (1).

Encontramos propostas que buscam a avaliação dos sujeitos por meio de instrumentos específicos, como o Inventário de Potência (MARQUETTI et al, 2012; LORENZON; MARQUETTI, 2016).

Nos verbos que exemplificam como os terapeutas ocupacionais propõem suas intervenções foram identificados verbos relacionados ao “fazer” atividades e experimentar materiais (REIS et al, 2017; MARQUETTI et al, 2012; OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017; LORENZON; MARQUETTI, 2016; SILVA; RACCIONI, 2015; KEBBE et al., 2010; COSTA et al, 2017). Muitos estudos trazem essas propostas: o que indica a centralidade da realização de atividades na prática em terapia ocupacional na saúde mental, mas com diversas possibilidades.

A ideia da atividade de fotografar foi, então, utilizada no atendimento individual como um primeiro movimento, convidando Fernanda para o estabelecimento da relação triádica (REIS et al, 2017, p. 407).

[...] oferecemos aos sujeitos vendados aromas diversificados que puderam desencadear fragmentos da memória olfativa e afetiva, fenômenos indissociáveis (MARQUETTI et al, 2012, p. 18).

Para prover maior estrutura e orientação ao grupo, também visando facilitar sua coordenação, propusemos a confecção de um mural, posteriormente afixado na sala de grupos do hospital dia (KEBBE et al., 2010, p. 80).

Identificamos proposições das profissionais que abarcam ações que incluem propostas de ações com a família para ampliar as possibilidades de realizar atividades (REIS et al, 2017) e para pensar sobre o impacto da doença nas relações (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017).

A terapeuta ocupacional [...] sugerindo a Fernanda que pedisse à sua mãe para trazer fotos da família (REIS et al, 2017, p. 408).

[...] propus um encontro em conjunto com a mãe para que as duas pudessem levantar alguns problemas [...] (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 405).

Os trechos também nos revelam o trabalho do/a terapeuta ocupacional para oferecer possibilidades de reflexão ao paciente/cliente/sujeito-alvo para construir significados (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017; ASSAD; PEDRÃO, 2013).

Ao pensar nas ações de saúde mental, procurou-se oferecer um espaço que permitiu aos sujeitos darem significados a seu cotidiano (ASSAD; PEDRÃO, 2013, p. 1095).

Busquei oferecer à Michele inúmeras reflexões, mostrando sua postura passiva (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 406).

As atividades são primordiais para que o sujeito/cliente/paciente se comunique com sua comunidade, de modo a produzir experiências significativas, assim como seus sentidos produzidos (MORATO; LUSSE, 2018). Realizar atividades está imerso no mundo das histórias de vida e das relações, onde o sujeito precisa ser protagonista de sua própria história ao entrar em atividade. Ainda, realizar atividades amplia as possibilidades no cotidiano, pois a atividade permite criar e estabelecer vínculos com o contexto externo que vai além dos materiais e produtos usados (MARCOLINO et al., 2019).

3.2.2.2 O proceder da(o) terapeuta ocupacional

Nessa categoria foram encontradas 25 sentenças com verbos que explicitam ações de cuidado realizadas diretamente pelo/a terapeuta ocupacional. Dentre esses verbos, encontram-se: utilizar (4), aplicar (2), realizar (2), fazer (2), solicitar (2), passar (2), construir (1), distribuir (1), intervir (1), começar (1), apresentar (1), exibir (1), intensificar (1), disponibilizar (1), levar (1), acompanhar (1) e incentivar (1).

Nas sentenças relacionadas à intervenção foram encontrados verbos ligados diretamente às atividades, no caso, mais voltado para expressão de sentimentos e conflitos, e também verbos que indicam ações diretas dos/as terapeutas na escolha de atividades, como na escolha de um filme, ou do poema a ser lido. Geralmente essas ações são pouco descritas na literatura, com maior foco na expressão dos sentimentos ou com propostas que o/a terapeuta quer provocar algo específico, como causa-efeito: uma atividade para um resultado.

Um único artigo, Oliveira e Sant'Anna (2017), os autores descreveram que os/as terapeutas ocupacionais realizaram intervenções diretamente na atividade, como nos desenhos de seus pacientes com o objetivo de identificar sentimentos ou sensações e ajudá-los a se “soltar”, por exemplo, para dores de cabeça eram escritas na cabeça do desenho palavras como carinho, cafuné, massagem.

[...] depois de terem finalizado os desenhos, passamos a trabalhar em cima de cada produção, uma a uma. O desenho era colado na parede e intervíamos sobre o mesmo (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017, p. 135).

Costa et al. (2017) indicam intervenções das/os terapeutas ocupacionais incentivando o protagonismo dos participantes, o exercício da cidadania e de contratualidade na participação da assembleia dos usuários.

[...] incentivou-se o protagonismo dos participantes, o exercício da cidadania e de contratualidade (COSTA et al, 2017, p. 313).

Os profissionais realizaram atividades para organizar a intervenção, sem a participação direta do sujeito, como: construção do mapa dos setores do cotidiano a partir da avaliação dos sujeitos (MARQUETTI et al, 2012); apresentação de filmes da escolha dos profissionais (SILVA; RACCIONI, 2015); levar informações sobre a doença (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017).

[...] construímos e utilizamos um mapa onde distribuimos a vida em setores do cotidiano articulada com as principais variáveis destes setores (MARQUETTI et al, 2012, p. 16).

Diante da nossa hipótese de que o desconhecimento sobre a doença mantinha a ruptura causada pelo que lhe aconteceu, levei-lhe algumas informações sobre o TAB (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 405).

Os trechos apresentaram realização de atividades gráficas, sensoriais, corporais, em *setting* fechado (em salas de atendimento) como: produzir escritos,

poemas, desenhos e, a partir deles, diálogos (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017); apresentar diferentes estímulos sensoriais (LORENZON; MARQUETTI, 2016); oferecer estímulos verbais, demonstrar e apresentar modelos, técnicas corporais e vocais para facilitar a ação (ASSAD; PEDRÃO, 2013; SILVA; RACCIONI, 2015); desenhar em grupo, no qual um interfere no desenho do outro, sequencialmente, escrever sobre desejos e ler para o grupo (KEBBE et al., 2010).

Ao término da construção dos trens, os coordenadores verbalizaram ao grupo que seria empreendida uma viagem, solicitando aos usuários para que escrevessem, nos respectivos vagões, palavras representativas do que desejariam levar nessa jornada, e todos leram o que haviam escrito (KEBBE et al., 2010, p. 82).

[...] utilizou-se diferentes formas de suporte e acompanhamento, dentre essas: estímulos verbais, demonstração e apresentação de modelos, apresentação de técnicas corporais e vocais para facilitar a ação (SILVA; RACCIONI, 2015, p. 270).

Foram identificadas atividades realizadas em *setting* aberto, para a realização de atividades do cotidiano, como acompanhar usuários do NASF até local da atividade (LORENZON; MARQUETTI, 2016) ou em espaços da cidade (COSTA et al, 2017) e ir ao cinema (FERRO et al., 2014).

Os alunos realizavam o acompanhamento dos usuários, durante o percurso entre o NAPS e o local da atividade (LORENZON; MARQUETTI, 2016, p. 344).

Os/as terapeutas (e estagiários) registram informações durante a realização de atividades e anotam associações como forma de aprendizagem (LORENZON; MARQUETTI, 2016).

Diferentes odores provindos de alimentos, temperos e essências foram apresentados a cada usuário, pelos alunos, que fizeram as anotações das associações provindas destes elementos (LORENZON; MARQUETTI, 2016, p. 344).

O/a terapeuta buscou oferecer condições materiais para a realização da atividade, como no artigo Ferigato e Silva (2016) no qual conseguiram que um profissional da equipe vendesse sua bicicleta por um preço simbólico para um usuário do CAPS.

Disponibilizamos uma bicicleta de um profissional por um preço simbólico no bazar do CAPS e ele a adquiriu (FERIGATO; SILVA, 2016, p. 383).

Outra tensão é a limitação dos resultados das intervenções com atividades, ao esperar somente um resultado (expressão de sentimentos, socialização). É uma

lógica de "atividade para alguma coisa". Mas isso não significa que atividades em setting fechado em salas de atendimento sigam essa lógica, pois podem deixar em aberto os resultados decorrentes do processo de realização de atividades. Benetton (1994) considera problemático isso, dado o forte caráter da terapia ocupacional no mundo externo.

Além de ações de estimulação da autonomia do sujeito na realização das atividades e realização de atividades em setting aberto, os artigos falam do registro das observações para associações futuras. Esses aspectos aparecem com mais frequência na literatura e são mais ressonantes com os princípios da reabilitação psicossocial (MORATO; LUSSE, 2018).

3.2.2.3 A realização conjunta de atividades

Nessa categoria foram encontradas 18 sentenças com verbos que explicitam ações conjuntas entre terapeuta e paciente. Dentre esses verbos, encontram-se: construir (2), passar (2), realizar (2), ir (1), iniciar (1), circular (1), começar (1), ler (1), confeccionar (1), combinar (1), agendar (1), fortalecer (1), unir (1), planejar (1) e acordar (1).

Os artigos apresentam atividades que são realizadas conjuntamente entre o/a terapeuta e o paciente/sujeito/cliente, como ler o poema ou trabalhar com um desenho colado na parede (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017), ou ao organizar feiras em uma praça (CASTRO; MAXTA, 2010) e também com atividades corporais e teatrais (SILVA; RACCIONI, 2015).

O grupo, formado por profissionais e usuários, planeja a organização da feira, os materiais a serem utilizados, os produtos que serão confeccionados, a divulgação, montagem dos pontos de venda e, ainda, realizam o exercício da venda e a forma de distribuição dos ganhos (CASTRO; MAXTA, 2010, p. 9).

Identificamos também atividades feitas conjuntamente por terapeuta e paciente/sujeito-alvo, mas cada um trabalhava no seu projeto, no caso cada um construía seu objeto cênico (seu personagem) individualmente (SILVA; RACCIONI, 2015).

Junto a cada participante, foi confeccionado um objeto cênico referente a sua personagem, tendo como propostas a facilitação do processo criativo de construção

da personagem, desenvolvimento de responsabilidade e cuidado com suas individualidades (SILVA; RACCIONI, 2015, p. 271).

Verificamos frases dos artigos em que o/a terapeuta ensina uma atividade para o paciente e/ou oferece suporte para a aprendizagem como auxílio no uso do computador, manejo do dinheiro (FERIGATO; SILVA, 2016) e venda de produtos (FERRO et al., 2014).

O AT foi incumbido, aqui, de construir e fortalecer, em conjunto com o usuário, a sua participação nas vendas dos produtos (FERRO et al., 2014, p. 614).

Durante os atendimentos, passamos pelas questões mais básicas de informática como aprender a ligar/desligar o computador a conversas de como algo que ele queria dizer poderia ser transmitido online (FERIGATO; SILVA, 2016, p. 383).

Os trechos apresentaram verbos que indicam a construção conjunta de sentidos e significados com associações entre passado e presente, objetos da vida cotidiana e sensorialidade (MARQUETTI et al, 2012) e trabalhos de resgate dos laços familiares (COSTA et al, 2017).

A sua equipe de referência realizava um trabalho de resgate dos laços familiares, em especial acompanhando-o em visitas ao abrigo para idosos, no qual a mãe estava morando e nas tentativas de contratualizar com os irmãos visitas e licenças hospitalares (COSTA et al, 2017, p. 309).

Oficina de audição elaborada a partir de diferentes sons retirados de objetos não musicais com os quais construímos associações entre passado-presente, objetos da vida cotidiana e sensorialidade e que auxiliaram na produção de sentido (MARQUETTI et al, 2012, p. 18).

Encontramos também atividades do cotidiano realizadas em setting aberto como ir à lojas (REIS et al, 2017), sair para agendar consultas, participar de feiras e ir ao cinema com amigos (FERRO et al., 2014).

AT, Pedro e outra participante voluntária do grupo uniram-se na empreitada e conseguiram negociar sua permanência na feira naquele dia, com a promessa e compromisso de acertar a documentação – o que foi, também, providenciado conjuntamente. (FERRO et al., 2014, p. 614).

Fernanda e a terapeuta ocupacional foram à loja fotográfica que fica em frente ao hospital para revelar as fotos (REIS et al, 2017, p. 408).

Nas intervenções os/as terapeutas realizam múltiplas atividades conjuntamente com os sujeitos/pacientes/clientes. Desde a mesma atividade feita por duas ou mais pessoas (como em uma atividade grupal), ou em um mesmo

ambiente, mas cada pessoa, inclusive terapeuta, faz a sua atividade (como em atividades em grupo). Nesse ponto, identificamos um problema do uso do verbo na primeira pessoa do plural, que causou dificuldades em definir os sujeitos da ação.

Assim, quando está escrito "escolhemos" há dúvida sobre como foi o processo de escolha, quem de fato escolheu, dado que essa ação é bastante pessoal. Mas de modo geral, indica como o cuidado em terapia ocupacional pauta-se na colaboração. Benetton (1994) sugere o cuidado com o uso da expressão "fazer junto" e sugere fazer conjuntamente, para que não haja interferência das ações da terapeuta ocupacional nas atividades que são do sujeito, para que ele possa encontrar seu modo de ser e de fazer.

Atualmente o processo de ensino e aprendizagem faz parte de qualquer procedimento terapêutico sendo uma ferramenta da terapia ocupacional, resultando assim na valorização do processo educativo na profissão, estando cada vez mais reconhecido o lugar central do ensino e aprendizagem nos processos terapêuticos em terapia ocupacional. Essa valorização se faz importante para que terapeutas ocupacionais afastem a imagem incorreta de professores de artes e artesanatos (MARCOLINO, 2005).

3.2.2.4 A conversa: para compreender a perspectiva da pessoa em acompanhamento, para avaliar o processo e para pensar projetos futuros

Nessa categoria foram encontradas 35 sentenças com verbos que explicitam diálogo. Dentre esses verbos, encontram-se: dizer (3), realizar (3), apontar (2), abordar (2), perguntar (2), avisar (1), explicar (1), pausar (1), focar (1), utilizar (2), aplicar (1), questionar (1), tentar incluir (1), ampliar (1), buscar construir (1), conversar (1), discutir (1), conseguir refletir (1), ajudar (1), avaliar (1), manter (1), criar (1), ressaltar (1), entrar (1), procurar (1), aproveitar (1) e compartilhar (1).

Percebemos nos trechos, verbos que indicam uma conversa direta entre terapeuta-paciente/cliente/sujeito/usuário sobre as ações e atividades, sobre o processo de realização das atividades (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017), assim como sobre o que foi vivido/experimentado durante a realização das ações/atividades e relações consigo próprio e com o cotidiano (FERIGATO; SILVA, 2016; OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017; ASSAD; PEDRÃO, 2013; LORENZON; MARQUETTI, 2016).

[...] disse-lhe que percebia que ela não estava atenta aos detalhes que poderiam deixar seu produto final mais interessante (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 405).

[...] após intervirmos em cada desenho, passamos a conversar sobre toda a ação (OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017, p. 135).

Alguns trechos apresentam conversas sobre o cotidiano e sobre as atividades do cotidiano (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017).

Disse-lhe que há poucos minutos ela havia dito o contrário, que as atividades e pessoas em sua vida estavam limitadas à casa e aos pais (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 403).

Eles apresentam também conversas sobre os significados que a doença e seu diagnóstico têm para os sujeitos e também o processo que eles experienciaram (ASSAD; PEDRÃO, 2013; SILVA; RACCIONI, 2015).

Os participantes foram questionados sobre o processo que experienciaram, e as respostas expressaram a satisfação em relação aos resultados, bem como a importância de atividades que, segundo os mesmos, conferiram novos significados e movimento às suas vidas (SILVA; RACCIONI, 2015, p. 271).

Outros ainda indicam conversas iniciadas pelo/a terapeuta sobre a doença e seu desenvolvimento, para compreender o impacto na doença no cotidiano (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017) e também sobre seu tratamento, como o uso da medicação (FERIGATO; SILVA, 2016).

Assim, esse foi um primeiro objetivo do atendimento em terapia ocupacional, abordar a doença com Michele, para que pudéssemos compreender [...] quais sentidos ela havia atribuído ao que lhe aconteceu (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 404).

Tentamos incluir e ampliar a discussão sobre a medicação, para além da redução sintomatológica [...] (FERIGATO; SILVA, 2016, p. 381).

Em algumas frases os/as terapeutas convidam os usuários a participarem das atividades (SILVA; RACCIONI, 2015) ou de um novo projeto (FERRO et al., 2014).

A fim de compreender as motivações dos usuários para participação ou não nas oficinas foi realizada uma entrevista aberta individual partindo da questão: "Você gostaria de participar das oficinas de teatro? Por quê?" (SILVA; RACCIONI, 2015, p. 269).

Notamos através dos verbos analisados que os/as terapeutas, através de entrevistas, avaliam a atividade, perguntando aos participantes o que eles acharam de fazer a atividade (SILVA; RACCIONI, 2015), e também avaliar a intervenção (SILVA; RACCIONI, 2015).

Para identificar a percepção dos usuários em relação às vivências realizadas foi aplicada outra entrevista aberta individual no final do trabalho, com a seguinte questão: “O que você achou das oficinas de teatro?” (SILVA; RACCIONI, 2015, p. 269).

[...] realizou-se o encerramento do trabalho, no qual o grupo fez uma retrospectiva, e em seguida foram questionados sobre a importância do trabalho (SILVA; RACCIONI, 2015, p. 271).

Ferigato e Silva (2016) mostraram que as conversas podem acabar se pautando sobre o projeto terapêutico.

Com os avanços alcançados, discutimos com ele como construir um PTS que não fique restrito à permanência no CAPS, que explore formas de circulação pelo território que lhe façam sentido (FERIGATO; SILVA, 2016, p. 384).

Os processos terapêuticos muitas vezes incluem a conversa com a família para melhor compreender o contexto ou o problema discutido (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017).

Para compreender melhor sua história e como seus familiares estavam compreendendo o que havia acontecido com ela, disse-lhe que precisaria conversar com sua família (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 403).

Ainda, percebemos verbos de comunicação que demonstram orientação por parte do/a terapeuta (MONTREZOR, 2013).

[...] as terapeutas ocupacionais, após realizarem o primeiro contato com os pacientes, os avisavam da rotina das atividades terapêuticas e explicavam a sua importância; em um mural no refeitório/pátio de uso comunitário dos pacientes era fixado o cronograma semanal com a programação das atividades de toda a equipe interdisciplinar (MONTREZOR, 2013, p. 533).

Notamos também que os/as terapeutas oferecem *feedback* sobre o que vê da pessoa, como está compreendendo o que está acontecendo, como foi o processo (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017).

Nessa experimentação, ajudei-a a perceber-se proativa, dando feedback para suas conquistas (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 406).

A investigação por parte do/a terapeuta ocupacional está presente durante o processo terapêutico, e, por meio de entrevistas, ele obtém dados e informações sobre seu paciente e suas demandas e necessidades (FERRO et al., 2014).

Para obtenção de dados, foram utilizadas entrevistas não estruturadas focalizadas, compostas a partir de um roteiro, procurando, contudo, garantir a possibilidade de exploração de conteúdos advindos dos relatos dos sujeitos (FERRO et al., 2014, p. 610).

Além de pesquisar demais áreas de atuação e outros profissionais que acompanham esse paciente (FERRO et al., 2014).

Em paralelo, a AT procurou equipamentos do âmbito jurídico que pudessem prestar atendimento ao usuário (FERRO et al., 2014, p. 612).

Nas sentenças relacionadas a conversas e discussões entre terapeuta-paciente foram encontrados resultados muito interessantes, os quais elucidam que o foco das nossas conversas está na realização das atividades, do que está sendo feito ou foi feito na terapia ocupacional, ou mesmo do que pode ser feito no futuro, das relações com o cotidiano, sobre os sentidos que os sujeitos possuem de suas experiências, favorecendo assim a construção de novos sentidos.

Os/as terapeutas ocupacionais conversam também sobre a vivência do sofrimento emocional e do transtorno mental e como minimizar seus impactos na vida. Além de conversas voltadas à avaliação das intervenções, para se pensar o projeto terapêutico e conversas diretamente com os familiares e com outros profissionais. Terapeutas ocupacionais em formação frequentemente apresentam as seguintes dúvidas: “conversar é atividade?”; “sobre o que conversam terapeutas ocupacionais?”. Desse modo, esse trabalho de revisão pode auxiliá-los a desvelar com mais clareza sobre o que os terapeutas ocupacionais conversam em suas intervenções.

3.2.3 Observar: Conhecer, compreender e analisar

Nessa categoria foram encontradas 83 sentenças com verbos que explicitam ações de observação. Dentre esses verbos, encontram-se: observar (26), perceber (18), compreender (6), acreditar (6), entender (4), ver (3), analisar (2), reconhecer (2), considerar (2), verificar (2), identificar (2), constatar (2), conceber (1), poder conhecer (1), registrar (1), avaliar (1), classificar (1), cuidar (1), apontar (1) e se basear (1).

Classificamos esses verbos de observação em quatro tipos de ações ou pensamentos deflagrados pela observação: 1) sentenças indicando compreensões sobre o caso ou a situação; 2) sentenças explicitando como o/a terapeuta ocupacional busca conhecer o sujeito e seu contexto; 3) sentenças explicitando como o/a terapeuta ocupacional busca conhecer o sujeito durante a intervenção e 4) a própria análise da intervenção possível pelas observações dos resultados.

Assim, foram encontradas sentenças que indicam compreensões que tornaram-se explícitas após a observação do que estava ocorrendo na intervenção (COSTA et al, 2017; CASTRO et al, 2017; OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017; SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017; FERRO et al., 2014; KEBBE et al., 2010).

[...] entende-se que é no interior de uma dinâmica de trocas que se cria um efeito habilitador, sendo importantes as estratégias que buscam fomentar as oportunidades de trocas de recursos e de afetos (COSTA et al, 2017, p.306).

[...] acredita-se que estar inserido nessas atividades grupais do CAPS, dentre milhares de representações, também significa preencher o tempo desses usuários [...] (CASTRO et al, 2017, p. 344).

Acreditávamos que essas dificuldades poderiam atrapalhar a sua participação social e o desejo de se inserir no mundo do trabalho (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p.404).

Outras sentenças explicitam observações do/a terapeuta ocupacional para conhecer o sujeito, compreender sua história (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017; LORENZON; MARQUETTI, 2016), conhecer seu contexto e família (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017; FERRO et al., 2014), reconhecer e identificar suas dificuldades e necessidades, sejam de saúde ou necessidades específicas (CASTRO; MAXTA, 2010; MARQUETTI et al, 2012; COSTA et al, 2017; LORENZON; MARQUETTI, 2016) e também observar sintomas do paciente/cliente/sujeito-alvo (REIS et al, 2017).

Ao longo dos atendimentos, foi possível compreender que o repertório de amizades de Michele sempre foi restrito, que ela era uma garota mais introspectiva e tímida, mas que realizava suas atividades com autonomia e bom desempenho (SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017, p. 404).

[...] constatamos que o usuário apresentava potencialidade para agenciar seus atendimentos de maneira autônoma, contudo a tutela familiar dificultava a autonomia do usuário para o autocuidado, pois até mesmo a marcação de consultas médicas era agenciada por sua mãe (FERRO et al., 2014, p. 613).

Quando o/a terapeuta ocupacional busca conhecer o sujeito durante o processo da intervenção, foram encontrados verbos que indicam a observação do comportamento na realização de atividades (REIS et al, 2017; COSTA et al, 2017; CASTRO et al, 2017; SILVA; RACCIONI, 2016; SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017; FERRO et al., 2014; KEBBE et al., 2010), dos afetos, emoções e sentimentos (CASTRO et al, 2017; SILVA; RACCIONI, 2016; SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017), e da qualidade da relação, do vínculo entre o paciente/cliente/sujeito-alvo e o/a terapeuta e/ou as pessoas ao seu redor (MARQUETTI et al, 2012).

Durante o percurso, observou-se comportamento marcado pela dificuldade em lidar com decisões coletivas, apresentando muitas queixas quando o grupo não acolhia suas sugestões (COSTA et al, 2017, p. 310).

Nesta estratégia metodológica tivemos como objetivo observar e cuidar das sutilezas que envolvem a adesão dos usuários da área de saúde mental às abordagens terapêuticas [...] (MARQUETTI et al, 2012, p. 18).

Os verbos de observação também foram identificados ao se referirem à análise da própria intervenção e de seus resultados (COSTA et al, 2017; CASTRO et al, 2017; OLIVEIRA; SANT'ANNA, 2017; ASSAD; PEDRÃO, 2013; LORENZON; MARQUETTI, 2016; SILVA; RACCIONI, 2016; SILVA; ASSAD; MARCOLINO, 2017; FERRO et al., 2014; KEBBE et al., 2010; FERIGATO; SILVA, 2016).

Percebeu-se de Anis que, ao estar em um coletivo e a ele sentir-se pertencente, sua autonomia ampliou-se (COSTA et al, 2017, p. 312).

[...] compreendemos que o “fazer algo” para os participantes desta pesquisa, assumiu dimensão relevante na qualidade do viver e essa vivência pode estimular formas potentes de se relacionar com realidade e com os fazeres do dia a dia (CASTRO et al, 2017, p. 343).

Nos verbos de observação foram encontradas observações centrais para pensar sobre o caso, para ampliar as reflexões e compreensões sobre o caso. Foram encontradas observações dos/as terapeutas para conhecer o sujeito por meio das intervenções, conhecendo seu contexto, história, necessidades e sintomas. Embora a doença e os sintomas não sejam foco da intervenção, no sentido da intervenção para melhora sintomática, o transtorno mental é uma realidade do sujeito. Ricci, Marques e Marcolino (2018) discutem que a prática se volta para a promoção de processos de vida do sujeito, assim como suas singularidades, e não para a remissão de sintomas. As ações em terapia ocupacional identificadas voltar seu olhar para seu sujeito e não para seus sintomas

unicamente, mas considerando-os parte da realidade do sujeito, implementando o que Campos (2001) chama de clínica ampliada, “o sujeito é sempre biológico, social, e subjetivo” (CAMPOS, 2001 p. 101). Também foram encontradas observações para analisar a intervenção. O que é observável (empírico) como base para avaliar os resultados da intervenção, considerando objetividades e subjetividades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou, por meio da análise dos verbos utilizados para descrever intervenções em terapia ocupacional em saúde mental, realizar um mapeamento das possibilidades de procedimentos profissionais. Não se pretende que os seis grandes procedimentos identificados respondam à questão de como os terapeutas atuam no campo da saúde mental, mas sim, que estimulem o debate no campo de modo a produzir avanços sobre as ações específicas de terapia ocupacional. Não buscamos classificar verbos e limitá-los, ainda assim, aos eventos nos quais estavam imersos, pois a intervenção diz mais do que o evento/trecho selecionado, assim, pedimos que nosso leitor possa ler o artigo completo caso queira refletir melhor, questionar ou criticar a intervenção realizada e seus resultados. Compreendemos que, na medida que as ações realizadas tornam-se explícitas, isso permite um julgamento mais explícito também da comunidade profissional.

Embora a revisão tenha seguido as etapas da revisão de escopo para a identificação dos trabalhos e sua análise, a análise experimental e exploratória realizada por meio da identificação dos verbos em seus contextos de utilização pode não ser a que melhor responda à ampla questão sobre os procedimentos em terapia ocupacional no campo da saúde mental. Entretanto, esperamos que o mapeamento identificado, possa instigar outras investigações no tema.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. T.; TREVISAN, É. R. Estratégias de intervenção da Terapia Ocupacional em consonância com as transformações da assistência em saúde mental no Brasil. **Interface (Botucatu)**, v. 15, n. 36, p. 299-308, 2010.
- ARKSEY, H; O'MALLEY, L. **Scoping studies: Towards a methodological framework**. International Journal of Social Research Methodology: Theory and Practice, 2005.
- ASSAD, F. B.; PEDRÃO, L. J. O Teatro Espontâneo do Cotidiano como um instrumento terapêutico nas ressignificações de ser um portador de transtorno mental. **Textos & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 1089-1097, dez. 2013.
- BENETTON, M. J. **A terapia ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental** [tese]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas; 1994.
- BENEVIDES, D. S. et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v.14, n.32, p.127-38, jan./mar. 2010.
- CAMPOS, R. O. Clínica: a palavra negada – sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de Saúde Mental. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 58, p. 98-111, ago. 2001.
- CASTRO, G. G. A. et al . Sobre os significados das atividades grupais para usuários de um centro de atenção psicossocial - CAPS. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. 2017. V.1(3): 332-352.
- CASTRO, L. M.; MAXTA, B. S. B. Práticas Territoriais de Cuidado em Saúde Mental: Experiências de um Centro de Atenção Psicossocial no município do Rio De Janeiro. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-11, nov. 2009.
- COSTA, V. C. et al. Afetos, sabores e trilhas: a oficina de culinária como operador clínico da desinstitucionalização. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. 2017.V.1(3): 300-317.
- FERIGATO, S.; SILVA, M. C. Saúde Mental e Terapia Ocupacional: a construção de um projeto terapêutico singular. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, v. 24, n. 2, p. 379-386, 2016. =
- FERRO, L. F. et al. Demandas, subjetividade e processo terapêutico: construções e limitações do acompanhamento terapêutico: construções e limitações do Acompanhamento Terapêutico. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, [S.I.], v. 22, n. 3, p. 609-619, 2014. Editora Cubo.
- JUNS, A. G.; LANCMAN, S. O trabalho interdisciplinar. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, [S.I.] v. 22, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2011.

KEBBE, Leonardo Martins et al. Etapas constitutivas de um grupo de atividades em hospital dia psiquiátrico: relato de experiência. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, São Carlos, v. 18, n. 1, p. 77-84, abr. 2010.

LORENZON, M. R.; MARQUETTI, F. C. Oficina de Ação: uma estratégia de intervenção grupal em terapia ocupacional no campo da saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v.27, n.3, p. 342-348, 2016.

LUSSI, I. A. O. et al. 2 Saúde mental em pauta: afirmação do cuidado em liberdade e resistência aos retrocessos. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 1, p. 1-3, 2019.

MALFITANO, A. P. S. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2005.

MARCOLINO, T. Q.; MIZUKAMI, M. G. N. **Narrativas, processos reflexivos e prática profissional: apontamentos para pesquisa e formação.** *Interface (Botucatu)*. 2008, vol.12, n.26, pp.541-547.

MARCOLINO, T. Q. A dimensão pedagógica nos procedimentos de Terapia Ocupacional. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

MARCOLINO, T. Q. A porta está aberta: aprendizagem colaborativa, prática iniciante, raciocínio clínico e terapia ocupacional. Tese [doutorado em Educação]. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

MARCOLINO, T. Q. et al. É uma porta que se abre : reflexões sobre questões conceituais e de identidade profissional na construção do raciocínio clínico em terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 403-411, 2019.

MARCOLINO, T. Q. O discurso público em terapia ocupacional: sentidos construídos em uma comunidade de prática. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.**, v. 1, n. 2, p. 128-139, 2017.

MARQUETTI, F. C. et al. Inventário de potência, oficina de ação: estratégias em saúde mental. **Rev. Ciência em Extensão**, v.8, n.3, p.8-22, 2012.

MATTINGLY, Cheryl. A natureza narrativa do Raciocínio Clínico. Tradução de Taís Quevedo Marcolino. **Revista CETO**, v. 10, n. 10, p. 4-18, 2007.

MONTREZOR, J. B. A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 529-536, 2013.

MORATO, G. G.; LUSSI, I. A. O. Contribuições da perspectiva de reabilitação psicossocial para a terapia ocupacional no campo da saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 4, p. 943-951, 2018.

OLIVEIRA, I. B. S.; SANT'ANNA, D. B. Ações micropolíticas no campo da saúde mental: tecendo saberes em nome de uma artesanania do cuidado. **Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 9, n. 1, p. 127-147, 2017.

REIS, F. D. S. et al. Alguns clicks: considerações sobre o manejo da relação triádica na crise em saúde mental. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. 2017. V.1(3): 406-413.

RICCI, T. E. et al. Terapia ocupacional em saúde mental nos congressos brasileiros: uma revisão de escopo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 4, p. 915-925, 2018.

ROTELLI, F. A instituição Inventada. In: ROTELLI, F. *et al.* **Desinstitucionalização**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1990. Cap. 4. p. 89-100.

SCHELL, B. A. B.; SCHELL, J. W. **Clinical and Professional Reasoning in Occupational Therapy**. Wolters Kluwer / Lippincott Williams & Wilkins Publishers, 2008.

SCHELL, Barbara A. Boyt; SCHELL, John W. **Clinical and Professional Reasoning in Occupational Therapy**. 2. ed. Wolters Kluwer, 2018.

SILVA, G. A.; ASSAD, F. B.; MARCOLINO, T. Q. Da paralisia do cotidiano: abrindo espaços de saúde a partir do reconhecimento da doença. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, n. 2, p. 401-408, 2017.

SILVA, M. L.; RACCIONI, T. M. Oficinas de teatro como recurso terapêutico ocupacional em um serviço residencial terapêutico. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 2, p. 267-273, 2015.

SODERBACK, Ingrid. **International Handbook of Occupational Therapy Interventions**. New York: Springer, 2009.